



BOLETIM INFORMATIVO

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

da

MISERICÓRDIA do SARDOAL

II SÉRIE • N.º 26/28

ANEXO

Julho/Setembro de 1990

amar o PRÓXIMO como a nós mesmos!

Do valor da fé dos nossos maiores possuímos monumentos de arte e de caridade social que bem se podem considerar de admiráveis. Melhores, não os terá conhecido o mundo em país algum.

Mas, talvez mais devessem eles provar a nossa tristeza do que a nossa vaidade, pois que além de não termos sido nós quem os ergueu, menos soubemos defendê-los das ruínas em que tombaram, pela nossa falta de espírito e de fé.

Já por mais de uma vez, nestas colunas, veio chamada a atenção para a tristíssima inferioridade a que se deixaram chegar algumas das nossas organizações de caridade, outrora tão adequadas às necessidades sociais e tão ricas de seiva espiritual como de haveres materiais!

Com a decadência do espírito deu em tomar corpo a tendência estatista, chamando a si o Estado muitos encargos de assistência, à medida que os particulares se julgavam dispensados de a prestar.

Esta deslocação da caridade, da iniciativa e do dever particular para o encargo público traduz, já de si, um grave erro político, económico e social.

Na verdade, por eles assumia o Estado funções que só subsidiariamente lhe competiam e que ele jamais, por si, poderia desempenhar de forma capaz.

Infelizmente, nunca um erro prevalece como ideia política sem haver tomado assento na corrupção da consciência pública. A assistência oficial burocratizada, fria e puramente mercenária não poderia ter aberto caminho entre nós se primeiro não houvesse decaído o espírito que, durante séculos, vivificara as instituições de caridade cristã. Mas, também este arrefecera em muitos casos e tendera a burocratizar-se em excesso! Daqui a decadência e o envelhecimento que atingiram entre nós certas formas de exercer a caridade.

O jantar-dansante a favor dos pobres e necessitados, os chás-canasta e os bailes de caridade com o mesmo fim, bem como outras estratagemas semelhantes para prolongar a vida arrastada de várias instituições assistenciais que deixaram de ser, por isso mesmo, a expressão correcta da caridade cristã, disso são um triste e deprimente exemplo.

Outras, ainda, entregaram-se de mão-beijada à assistência pública, suicidando-se, por essa forma, como instituições de verdadeira fraternidade cristã. Recolheu-as a vala comum da assistência pública burocratizada, onde a caridade era "subsídio de guiché" e a esmola pouco mais do que um "imposto fiscal":

Desse descalabro mantiveram-se, apenas, com galharda independência as Conferências de S. Vicente de Paulo, as Obras do Gaiata e similares e as Misericórdias. Talvez mais uma ou outra excepção, ainda -mas poucas!

E assim se foi caminhando durante uns bons pares de anos. Iam-se anunciando, de facto, grandes alterações neste "statu quo", mas que tardavam a aparecer.

(Continua na pág. 4)

**OS
que muito
nos querem**

Chamava-se António Marques Ferreira.

Com a largueza dos seus 89 anos estava considerado o decano dos comerciantes sardoalenses.

Homem muito sério e de impecável rectidão, com hábitos quase espartanos e vida um tanto desapegada de prazeres e honrarias, era como que uma "Instituição" da terra.

O seu estabelecimento de há muito se tornara um pequeno círculo de convívio, por onde foram passando, nos últimos 60 anos, em amena cavaqueira do fim-da-tarde, muitas das figuras

públicas e notórias da Vila.

Curiosamente, também, e pelo menos de há meio século, a sua loja de comércio não recebera quaisquer melhorias sensíveis - e tanto o balcão (digna peça de museu!) como prateleiras e escaparates continuaram ultrapassados, sempre no mesmo alinhamento - com atamancos aqui e ali, é certo, mas igualmente, também, sem substituições de peças, nem mudanças de lugar...

Um caso típico de conservadorismo que (diz-se) já viria, mesmo, de trás e remontava, pelo estilo, aos fins do sec. XIX.

Recentemente, e após arrastada doença (cujo sofrimento doloroso e martirizante suportou sempre com estoica e invulgar resignação), o Senhor entendeu que era chegada a sua hora. E levou-o consigo.

Em todos nós deixou, naturalmente, uma grande e viva saudade.

Precavido e metódico, como era, tinha feito a tempo as suas disposições - que, aliás conservaria em rigoroso secretismo.

Do testamento constava explicitamente que havia destinado para a Santa Casa o numerário em depósito na instituição bancária que utilizava, à data da sua morte.

Os testamentários, Senhora D. Maria Antónia de Andrade Roldão e marido, Senhor António Roldão, de imediato vieram facultar à Misericórdia o original do testamento respectivo.

E foi assim que a nossa Santa Casa entrou na posse de mais de seis centenas de milhares de escudos - que, com grande a-propósito vieram colmatar algumas brechas de Tesouraria, motivadas por encargos contraídos com as obras de construção do LAR da TERCEIRA IDADE e novo CENTRO-de-DIA, prestes a entrar na 2ª fase (rebocos e acabamentos primários).

Pareceu não ser desassisado deixar esta breve e singela nota sobre aquele nosso patrício - o qual, não sendo (talvez, por mero acaso) Irmão da Santa Casa da Misericórdia sempre demonstrou, no entanto, de forma expressiva e directa, o muito que lhe queria do coração.

Mas, o anonimato que pediu, tantas e tantas vezes, para as suas ofertas e donativos não permite, por respeito à sua memória que, mesmo agora, se traísse a reserva que sempre nos impunha.

Paz à sua alma!

...um "obrigado" à RENASCENÇA

Uma vez mais, a prestigiosa RADIO RENASCENÇA, no seu programa de recensão sobre a Imprensa Regional, voltou a falar recentemente do nosso "Boletim Informativo", a propósito de uma local sobre o falecimento do sardoalense, Senhor Francisco Dias Serras.

A palavra, sempre tão fluente quão oportuna e criteriosa do Dr. Raul Feio, no seu comentário introdutório em que focou a magnanimidade e grandeza de gesto daquele nosso conterrâneo e a lisura dos seus testamentários, trouxe um enquadramento de brilhante observação à própria notícia do Boletim, que foi lida na íntegra - não apenas como documento factual mas, certamente ainda, para servir como tema de meditação e exemplo a muitos dos radiouvintes.

Muito agradecemos a gentileza. Aliás, deverá acrescentar-se não ser esta a primeira vez em que aquele tão distinto e apreciado comentador nos honra com transcrições do nosso BOLETIM, a que apendicula sempre uma nota elogiosa, que muito nos desvanece.

V

Com efeito, somente uma única pessoa em todo o Mundo conhecia com exactidão a natureza do insólito fenómeno que abrangia quase metade da abóboda celeste, naquela noite serena dos finais de Janeiro.

Era, como se deixou dito, a Irmã Lúcia de Jesus, a única sobrevivente dos três pastorinhos a quem Nossa Senhora aparecera em Fátima, entre Maio e Outubro de 1917. Mas, por recomendação expressa da Virgem não deveria revelar esse conhecimento a quem quer que fosse; com efeito, ele era o prenúncio exacto de que uma nova e terrível guerra iria começar dentro em pouco e havia de trazer à Europa, e ao mundo em geral, a dolorosa provação de vários anos de dor e sofrimento (entre 1939 e 1945).

Esse vaticínio da Senhora de Fátima fora feito na aparição de 13 Julho de 1917, juntamente com mais outros dois pontos, de natureza diversa entre si, constituindo um núcleo não-divulgável na altura, a que se chamaria o "segredo de Fátima".

A primeira parte referia-se ao milagre do Sol, a acontecer em 13 de Outubro do mesmo ano, na Cova da Iria, perante uma multidão de muitos milhares de pessoas - e que Lúcia, um pouco antes, deixara antever à assistência.

A segunda parte era respeitante ao estranho fenómeno celeste, de que se vinha falando anteriormente, e que ficou depois classificado sob a explicação vaga e difusa de "aurora boreal". A vidente só mais tarde esclareceria esse caso.

A parte final da mesma revelação foi, contudo, mantida confidencial, também por determinação de Nossa Senhora, apenas com a ressalva de vir a ser comunicada ao Papa - que a não deveria abrir, contudo, antes do ano de 1960.

Lúcia, entretanto, resolvera passá-la a escrito em 1945 e fê-la chegar, depois, devidamente resguardada e a coberto de toda e qualquer indiscrição, às mãos do Senhor Bispo de Leiria, que era, na altura, D. José Alves Correia da Silva.

O Prelado dela não tomou conhecimento, porém, e guardou-a sigilosamente no Paço episcopal até 1957, ano em que o Núncio Apostólico em Portugal, D. Fernando Cento, a levou pessoalmente para Roma, em carta lacrada.

Segundo as melhores fontes, o Papa João XXIII na presença do Cardeal Alfredo Ottaviani (Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé) abriu a referida carta em 1960, leu-a detidamente e declarou ao Cardeal tê-la entendido sem quaisquer dificuldades, conquanto não falasse o português.

Meditou algum tempo em funda reflexão: seguidamente dobrou o escrito com todo o cuidado para o colocar em novo envelope, que tornou a lacrar e depositou numa secção particularmente secreta do Vaticano.

Há quem afirme que, mais tarde, o Papa João Paulo I ao ler, por sua vez, essa parte do segredo teria sucumbido pura e simplesmente. O seu cofre enfraquecido não suportara tal informação.

Segundo outras fontes noticiosas, Paulo VI, ao tomar conhecimento do teor da famosa carta, no cinquentenário das Aparições, teria sido preso de grande mal-estar, que o perturbou durante vários dias. E que somente depois de ter falada à Irmã Lúcia, em Fátima, o seu comportamento evoluiu um pouco mais favoravelmente.

Qualquer destes informes terá de tomar-se, porém, com as necessárias reservas, dado que as Autoridades Religiosas nunca os confirmaram, nem desmentiram.

Perguntar-se-á, entretanto, que matéria encerra um segredo tão transcendente e por que ficou em tanta reserva. Ora, se Nossa Senhora assim o entendeu, razões fortes e ponderosas teria para o fazer! Não podemos insurgir-nos contra as determinações do Alto!

Uma hipótese (e não mais do que isso!), que é comumente admitida parece querer justificar que tão impenetrante resguardo se baseia, com fortes probabilidades, na própria natureza do segredo: -este seria de tal modo horrível que a sua divulgação poderia provocar um pânico colectivo à escala mundial.

..m.

NOTICIÁRIO

1. A Santa Casa da Misericórdia fez entrega, há algum tempo, já, no Centro Regional de Segurança de Santarém do projecto correspondente à 2ª fase da construção do LAR da TERCIRA IDADE e novo CENTRO-de-DIA.

Aguarda-se, com natural ansiedade a rápida formalização dos aspectos burocráticos que, por Lei, pertencem àquela Entidade, para autorização final do citado projecto.

2. A actual Mesa da Misericórdia tem tido sempre na devida conta o proposto no artº 13º do Regulamento-Compromisso quanto às comemorações religiosas estatutárias.

Assim, foram realizadas cerimónias religiosas próprias: em honra da Padroeira da Santa Casa; na Semana Santa (procissão de Endoenças e respectivo sermão completivo); missa própria no dia do Senhor Jesus dos Remédios (Domingo do Bom Pastor), bem como na Visitação de Nossa Senhora.

Igualmente, não deixou de ser cumprida a piedosa obrigação dos sufrágios pelos Irmãos, doentes e Benfeitores da Instituição, cujo falecimento foi ocorrendo.

3. Um grupo de pessoal adstrito ao respectivo sector de actividade no Centro-de-dia deslocou-se há pouco à Fundação José Relvas, em Alpiarça, para tomar parte num vasto colóquio ali realizado sob o título genérico de "Alimentação de Idosos".

Diversos conferencistas especializados fizeram detalhada exposição sobre o tema -que, aliás, é de muito interesse e responsabilidade na sua aplicação prática.

4. Um conjunto de estudiosos e intelectuais holandeses veio em visita de estudo à Igreja da Misericórdia, para apreciar "in loco" os magníficos painéis de azulejos que decoram as suas paredes internas.

Mostraram-se vivamente admirados com todas aquelas belas figurações, tendo pedido autorização para um copioso apontamento videográfico.

Os labores de talha manuelina que ladeiam e encimam a porta principal da Igreja mereceram-lhes, também, destacada admiração.

5. Afim de permitir aos utentes do Centro-de-dia uma diversificação nos seus tempos de lazer e quebrar, de algum modo, a tendência para a rotina e imobilismo para que alguns pendem irresistivelmente, têm-lhes sido organizados passeios e visitas aos diversos locais de interesse da Vila-sede.

Acompanha-os a nossa Assistente Social que procura sempre encontrar motivações e temas de interesse susceptíveis de lhes trazer uma tarde de agradável convívio e boa disposição.

E-lhes servido o lanche, ainda durante o passeio -o que se verificou ter recebido uma total e franca aprovação dos participantes.

6. Recentemente, a Mesa Administrativa da Santa Casa pôde ter uma breve audiência com o Senhor Ministro da Segurança Social, numa sua visita a Gavião, e fez-lhe entrega das 2ªs vias do pedido de reforço do PIDAC para 1990, bem como lhe solicitou um subsídio para aquisição de uma viatura-auto, destinada aos transportes de utentes do Centro-de-dia.

O Senhor Ministro deixou entrever um bom encaminhamento para essas nossas tão ingentes necessidades.

Nunca chegaremos
a amar o suficiente
os nossos semelhantes.

amar o PRÓXIMO como a nós mesmos!

(Continuação da 1.ª pág.)

Entretanto, ocorria o 25 de Abril. Mas, logo entre as primeiras alterações das estruturas sociais do país avulta um diploma tendente à ilaqueação das Santas Casas e sua conversão em institutos laicos, domesticados pelo Estado! E não falamos, agora, em mais outros Organismos ou fundações pias com idêntica vocação para socorrer o Próximo que, igualmente, e a pouco e pouco, se viram também absorvidas pela manápula tentacular dos novos poderes centralizadores.

As Misericórdias vieram a ser, então, e em muitos casos, esbulhadas dos seus hospitais que, ou se lhes suprimiram, pura e simplesmente, ou passavam a ser incorporados, à força, na tutela laica.

Quanto às outras obras assistenciais das Santas Casas, e em vista do clamor público que se levantou contra tais disposições (a que o povo chamaria depreciativamente de "pintassilguistas"(!)" a anexação abusiva acabou por se ir diluindo num aparente esquecimento dos textos da Lei, talvez para obviar aos largos protestos da população.

E foi assim que as Misericórdias se voltaram para novas formas de apostolado social, abrindo centros-de-dia, Lares-de-terceira-idade, creches, orfanatos.

Novos governos, mais abertos e compreensivos, vieram depois. A histeria dos primeiros tempos revolucionários foi estancada, em parte. E o Estado, já governado por cabeças de maior equilíbrio e sensatez, passou a colaborar, então, mais atilada e criteriosamente, reconhecendo com objectividade aquela tão fecunda acção caritativa e assistencial, dando apoio regular e acertado às Santas Casas, nessa nova cruzada a que haviam metido ombros.

Não se dirá que é suficiente toda a contribuição com que as ajuda. Longe disso! Mas decerto faz o que lhe é possível, dentro dos grandes condicionamentos em que está espartilhado -em grande parte devidos aos esbanjamentos com que outros governos, do pós-revolução, sangraram o património nacional. Muita vez nos esquecemos desde pormenor importante, que ia levando à bancarrota toda a nossa economia, nesse passado de triste memória, ainda mais ou menos recente.

Daí que todos, e cada um de nós, na medida em que nos for possível, devam concorrer para colmatar, o mais possível, o défice das nossas Santas Casas de Misericórdia.

Não se estranhe, por isso, a reiterada insistência com que, por nossa parte, tenhamos de abordar todos os Sardoalenses e amigos da nossa terra.

E confiadamente o fazemos!

A.

MELHORANDO...

Vencidas que foram algumas limitações de carácter técnico, o BOLETIM DA MISERICORDIA vai regressar novamente ao seu formato original.

Será possível, deste modo, alargar um tanto alguns aspectos noticiosos da vida da Misericórdia que, muito a contragosto nosso, tinham que ser escassamente abordados -ou, até mesmo suprimidos, quando perdiam actualidade.

CORTEJO de OFERENDAS

Dada a circunstância de a composição deste nº ter sido feita com alguma antecedência, não se tornou possível, já, deixar uma abordagem detalhada ao "Cortejo de Oferendas", a favor da Misericórdia, marcado para o dia 16 de Setembro.

Reservamo-la para o próximo BOLETIM.

boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia - 2230 SARDOAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA -

Depósito Legal nº 24.707/88

Publicação mensal